ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS
ACADEMIA REAL MILITAR (1811)

FELIPE DA SILVA MACHADO MIRANDA

2º GUERRA MUNDIAL: O emprego da engenharia da Força Expedicionária Brasileira (FEB) na batalha de Monte Castelo

Resende
2018

FELIPE DA SILVA MACHADO MIRANDA

2º GUERRA MUNDIAL: O emprego da Engenharia da Força Expedicionária Brasileira (FEB) na Batalha de Monte Castelo

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Academia Militar das Agulhas Negras como parte dos requisitos para a Conclusão do Curso de Bacharel em Ciências Militares, sob a orientação do Maj Eng Fabrício Moura de Farias.

Resende

2018

Felipe da Silva Machado Miranda

2º GUERRA MUNDIAL: O emprego da engenharia da Força Expedicionária Brasileira (FEB) na batalha de Monte Castelo

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Academia Militar das Agulhas Negras como parte dos requisitos para a Conclusão do Curso de Bacharel em Ciências Militares, sob a orientação do Maj Eng Fabrício Moura de Farias.

COMISSÃO AVALIADORA

_____

Maj Eng Fabrício – Orientador

_____

(Nome completo, Posto e Arma) – Avaliador

_____

(Nome completo, Posto e Arma) – Avaliador

Resende

2018

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, a quem eu confio, aos meus amigos que me deram total suporte, à minha namorada que me apoiou e me incentivou na conclusão deste trabalho e nesta longa caminhada da formação. A minha mãe que sempre me deu suporte em todas as situações que aconteceram durante a academia.

AGRADECIMENTOS

Ao Major Fabrício meu orientador que instruiu-me na confecção deste TCC.

A minha namorada que me apoio durante toda a formação da AMAN, auxiliando-me a chegar até o final desta.

RESUMO

MIRANDA, Felipe da Silva Machado. 2º GUERRA MUNDIAL: O emprego da engenharia da Força Expedicionária Brasileira (FEB) na Batalha de Monte Castelo. Resende: AMAN, 2018. Monografia.

Este trabalho de conclusão de curso (TCC) tem como objetivos explanar os trabalhos realizados pelo 9º Batalhão de Engenharia de Combate, mais especificamente durante conquista de Monte Castelo na 2º Guerra Mundial, com o intuito de destacar a contribuição feita pelo Batalhão durante os ataques sucessivos e a conquista propriamente dita, tendo sendo bem útil no que diz respeito ao apoio à mobilidade e contra-mobilidade. Também foi realizado o histórico do Batalhão como elemento introdutório acerca do tema.

Este trabalho inicia-se na introdução um breve histórico do 9º Batalhão de Engenharia de Combate situado em Aquidauana - MS, após isto será realizada a explanação da participação do Brasil como um todo na 2º Guerra Mundial. Posteriormente uma breve explanação sobre as instruções militares que a Força Expedicionária Brasileira recebeu antes de entrar em combate em solo italiano, em seguida os ataques que não tiveram êxito à Monte Castelo, tendo como principal foco o trabalho da engenharia durante estes ataques. Por fim, uma breve explanação de como foi o ataque que logrou êxito à Monte Castelo, com foco na abordagem mais detalhada no emprego do 9º Batalhão de Engenharia de Combate. Na conclusão será abordado a relevância dos trabalhos realizados pelo 9º BE Cmb para a tomada de Monte Castelo por meio do apoio à mobilidade, contra mobilidade e proteção fornecidas às demais armas.

A metodologia empregada foi a coleta de dados, onde grande parte das fontes de consulta deste trabalho foi tirada do livro Quebra-Canela e Introdução à História Militar Brasileira, assim como fontes de consulta a pesquisa na internet.

Como conclusão do trabalho, foi definido que o Batalhão realmente teve grande importância na tomada de Monte Castelo, através de construção de postos de observação e também a limpeza de campo de minas, reparação de estradas, construção de pontes e outros diversos trabalhos que tem como uma das três missões principais da engenharia em combate, com ênfase no apoio a mobilidade.

Palavras-chave: 9º Batalhão de Engenharia de Combate, Mobilidade, Monte Castelo

ABSTRACT

MIRANDA, Felipe da Silva Machado. 2nd WORLD WAR: The use of engineering of the Brazilian Expeditionary Force (FEB) in the Battle of Monte Castelo. Resende: AMAN, 2018. Monograph.

This work of completion of course (TCC) aims to explain the work carried out by the 9th Battalion of Combat Engineering, specifically during the conquest of Monte Castelo in the Second World War, in order to highlight the contribution made by the Battalion during the successive attacks and the conquest itself, being very useful in terms of support for mobility and counter-mobility. In addition, the history of the Battalion was realized like element introductory about the subject.

This work begins with the introduction of a brief history of the 9th Battalion of Combat Engineering located in Aquidauana - MS, after this will be carried out the explanation of the participation of Brazil as a whole in the Second World War. Afterwards a brief explanation about the military instructions that the Brazilian Expeditionary Force received before entering combat on Italian soil, followed by the unsuccessful attacks on Monte Castelo, with the main focus being the engineering work during these attacks. Finally, a brief explanation of how the attack was successful at Monte Castelo, focusing on the more detailed approach to the use of the 9th Combat Engineering Battalion. The conclusion will address the relevance of the work carried out by the 9th BE Cmb for the Monte Castelo takeover by supporting mobility, mobility and protection provided to other weapons.

The methodology used was the collection of data, where a large part of the sources of consultation of this work was taken from the book Quebra-Canela and Introduction to Brazilian Military History, as well as research sources on the Internet.

As a conclusion of the work, it was defined that the Battalion really had great importance in the taking of Monte Castelo, through construction of observation posts and also the cleaning of minefields, repair of roads, construction of bridges and other one of the three main missions of combat engineering, with emphasis on supporting mobility.

Keywords: 9th Combat Engineering Battalion, Mobility, Monte Castelo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 8

2 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO..... 10

2.1 Revisão da literatura e antecedentes do problema 10

2.2 Referencial metodológico e procedimentos 11

3 HISTÓRICO DO 9º BATALHÃO DE ENGENHARIA DE COMBATE..... 14

4 PARTICIPAÇÃO DO BRASIL NA 2º GUERRA MUNDIAL..... 15

5 PREPARAÇÃO DO 9º BATALHÃO DE ENGENHARIA DE COMBATE..... 17

6 9º BATALHÃO DE ENGENHARIA DE COMBATE NOS ATAQUES SUCESSIVOS À MONTE CASTELO..... 19

7 9º BATALHÃO DE ENGENHARIA DE COMBATE NO ATAQUE FINAL À MONTE CASTELO..... 22

8 CONCLUSÃO 23

9 REFERÊNCIAS 24

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa a ser realizada tratará do emprego do 9º Batalhão de engenharia de Combate na Força Expedicionária Brasileira (FEB) na Batalha de Monte Castelo.

O Brasil envolveu-se na II Guerra Mundial em março de 1941, quando ocorreu o primeiro incidente de guerra, bem antes do rompimento das relações diplomáticas com o Eixo. O navio mercante que navegava no mar mediterrâneo foi bombardeado e metralhado por um avião Luftwaffe, avião de tripulação alemã. Apesar da morte de um tripulante, o governo alemão mostrou-se insensível ao fato. Devido a esta atitude, o Brasil declarou guerra ao Eixo, marcando sua entrada na 2 º Guerra Mundial (DE FARIA, 2015).

Por consequência, o Brasil preparou sua Força Expedicionária Brasileira (conhecida também pela sigla FEB) que de acordo com o FERRAZ (2005) a FEB foi uma força militar aero-terrestre constituída na sua totalidade por 25.834 homens e mulheres, que durante a Segunda Guerra Mundial foi responsável pela participação do Brasil ao lado dos Aliados na Campanha da Itália.

Diante disto, temos que o escopo do trabalho ficará restrito à verificação da preparação do 9º Batalhão de Engenharia de combate quanto a preparação para a Batalha de Monte Castelo, no que tange as instruções recebidas antes da Batalha, as preparações para os ataques sucessivos à Monte Castelo, como na desminagem frente as elevações de Monte Castelo, construção de PO[1], reparações de estradas, construções de pontes e também o emprego do Batalhão de Engenharia da FEB durante o ataque final à Monte Castelo.

O objetivo geral do estudo consiste em verificar as missões realizadas pelo 9º Batalhão de Engenharia de Combate na Força Expedicionária Brasileira que auxiliaram ao êxito na conquista de Monte Castelo, por parte de tropas aliadas.

A presente monografia está assim estruturada:

No primeiro capítulo, foi abordado o histórico do 9º Batalhão de Engenharia de Combate, para isto foi utilizado como principal fonte da internet cujo autor é o Henrique Moura.

No segundo capitulo, será exposto a participação do Brasil na 2º Guerra Mundial. Igualmente ao capítulo anterior, neste foi utilizado como principal fonte de consulta a internet como o site do Portal da FEB.

---

[1] Uma posição na qual os soldados podem observar os movimentos do inimigo, para alertar quando alguém se aproxima

No terceiro capitulo, foi retratado o treinamento da tropa brasileira antes de entrar em combate. Para isto, foi utilizado como principal fonte o livro Quebra-Canela, que retrata particularmente quais foram as instruções que o contingente de engenharia do Brasil recebeu antes de entrar em combate e também o livro os brasileiros na segunda guerra mundial.

No quarto capitulo, será abordado sobre os ataques iniciais à Monte castelo que não obtiveram sucesso. Para isto, foi utilizado como fonte o livro Quebra-Canela que retrata os diversos serviços prestados pela arma de engenharia quando em apoio as armas base durante o ataque à Monte Castelo.

Em suma, no quinto capitulo, será retratada a conquista de Monte Castelo propriamente dita, de forma bem objetiva, tendo como foco principal, as atividades exercidas pelo batalhão de engenharia da FEB. Para isto, foi utilizado como fonte o livro Quebra-Canela e o livro Introdução à História Militar que retrata os detalhes da atuação de cada arma quando na conquista de Monte Castelo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Nosso tema de pesquisa insere-se na linha de pesquisa História Militar, delimitando-se A proposta da pesquisa consiste em analisar a preparação do 9º Batalhão de Engenharia de combate, assim como o seu emprego durante a conquista de Monte Castelo, campo de pesquisa inserido na área de operações militares, conforme definido na Portaria nº 517, de 26 Set 00, do Comando do Exército Brasileiro (BRASIL).

Por se tratar de um campo de investigação histórico, foi realizado pesquisas sobre bibliográficas sobre o assunto.

Para melhor compreender o fenômeno, foram feitas revisões bibliográficas do livro "Quebra Canela" que abrange diversas atividades realizadas pela arma de engenharia da FEB durante a 2º Guerra Mundial, a revisão bibliográfica do livro Introdução a História Militar, uma revisão do livro os brasileiros na segunda guerra mundial e também a consulta de artigos relacionados ao assunto na internet.

2.1 Revisão da literatura e antecedentes do problema

O 9º Batalhão de Engenharia de Combate que Incorporado à Força Expedicionária Brasileira participou da II Guerra Mundial, tendo cooperado para o êxito da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária nas conquistas de Monte Castelo, Castelnuovo e Montese (Henrique Moura,2011).

> Sob o comando do então coronel José Machado Lopes, foi a primeira tropa de engenharia a atravessar o Equador para lutar na Europa e também a primeira unidade do Exército Brasileiro a entrar em ação na Itália, com participação em todas as operações de combate afetas às tropas brasileiras, fosse integrando o destacamento da FEB ao norte de Pisa e no vale do Serchio, fosse atuando no âmbito divisionário, desde os contrafortes da área de Porreta até o vale do Rio Pó (Henrique Moura,2011).

Cabe ressaltar que a primeira tropa brasileira a cumprir missão de combate em território italiano foi a 1ª Companhia do 9º Batalhão de Engenharia, comandada pelo Capitão Floriano Möller. (Henrique Moura, 2011).

De acordo com HENRIQUE MOURA (2011) "com o objetivo de executar a ordem do IV Corpo, o comando brasileiro organizou um grupamento de ataque, com a missão de conquistar Monte Castelo e ocupar e manter a linha: cabeceiras orientais do arroio que passa em C. Zolfo – vertente norte de Monte Castelo – região de Carvrullo". O 9º BE Cmb foi

empregado na preparação das estradas e ficou em condições de acompanhar os blindados norte-americanos, se estes tivessem avançado.

O 9º Batalhão de Engenharia tivera, também, uma jornada Gloriosa. Pela primeira vez fora empenhado, em sua totalidade, num ataque, contando inclusive com reforços da Engenharia americana para poder atender aos múltiplos encargos de ordem tática e técnica (LIMA JÚNIOR,1982, p. 113-114).

De acordo com o LIMA JUNIOR (1982) vemos que o 9º Batalhão de engenharia de combate teve grande importância para as diversas conquistas realizadas na 2º Guerra Mundial, principalmente a conquista de Monte Castelo, um dos pontos de grande importância estratégica para o sucesso na guerra como um todo.

> A 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária teve, no 9º Batalhão de Engenharia uma unidade à altura de seu renome, nesta Campanha da Itália, em que participaram, vitoriosamente, as armas brasileiras. Unidade de escol, teve a feliz oportunidade de ter sido a primeira tropa a ser engajada contra o inimigo. Participou, sem conhecer canseiras e mostrando sempre o alto padrão de sua eficiência, de todas as operações de guerra afetas às tropas brasileiras, seja integrando o Destacamento FEB ao N. de Pisa e no vale de Sércho, seja atuando no âmbito divisionário, desde os contrafortes da área de Porreta até o vale do rio Pó. Entre os seus mais assinalados feitos, sobrelevam-se indelevelmente as jornadas estafantes da preparação de estradas, reconstrução de pontes e desobstrução do túnel Castelacio, que serviram para facilitar e consolidar as memoráveis vitórias que obtivemos no vale do Sérchio; sobressaem repletas de glórias e sacrifícios, as páginas que escreveu para a conquista de Monte Castelo, Castelnuovo e Montese, onde sua colaboração foi particularmente eficiente, a despeito da ação mortífera e aproximada do inimigo, nas missões de acompanhamento, remoção e balizamento de campos minados e desobstrução de comunicações. O 9.º BE confirmou, portanto, nos campos de batalha da península itálica, o acerto de sua escolha como participante da FEB e o valor inconfundível do moderno soldado de engenharia, dirigido por quadros capazes e por um comando sereno e proficiente (LIMA JUNIOR, 1982, p. 210 - 211).

Nota-se que o 9º Batalhão de Engenharia de Combate sempre vinha apoiando as armas bases que estavam em combate, com desminagem, construção de pontes, aberturas de brechas, construção de Posto de Observação e reparação de estradas, sempre visando a mobilidade da tropa, aspecto que é notado como uma das principais missões da engenharia no contexto tático.

2.2 Referencial metodológico e procedimentos

2.2.1 Problema

Visando a correta investigação das lacunas no conhecimento até agora existentes e confirmar o que é apresentado pela literatura, é possível identificar algumas questões que nos parecem problemáticas. Dessa forma podemos problematizar a questão: Quais foram as

missões realizadas pela engenharia da FEB durante os ataques sucessivos a Monte castelo? Quais as missões da engenharia da FEB na tomada de Monte Castelo propriamente dita?

2.2.3 Hipóteses

Podemos enunciar nossas hipóteses de investigação da seguinte maneira: a utilização da engenharia da Força Expedicionária Brasileira, teve total relevância durante os ataques realizados à Monte Castelo, fazendo então com que o apoio realizado pela engenharia durante o combate foi de suma importância para a conquista do objetivo.

2.2.4 Objetivos

Os objetivos da investigação a ser realizada podem ser assim descritos:

2.2.5 *Objetivo geral*

O objetivo geral do TCC é verificar as ações realizadas pelo 9º Batalhão de Engenharia de Combate da Força Expedicionária Brasileira durante a conquista de Monte Castelo, verificando-se que os ataques foram de grande eficiência para a conquista do objetivo.

2.2.6 *Objetivos específicos*

Serão observados como objetivos específicos dentro das missões realizadas pelo 9º Batalhão de Engenharia de combate durante a tomada de Monte Castelo, como a atuação durante os ataques sucessivos que não lograram êxito e também a preparação, como as instruções recebidas antes da força expedicionária entrar em contato direto com o inimigo.

2.2.7 Procedimentos de pesquisa

No decorrer da pesquisa realizaremos os seguintes procedimentos: Apresentação de uma pesquisa e histórica relacionada a Força Expedicionária Brasileira, no que tange a arma de engenharia.

Prosseguiremos com o trabalho, com o estudo sobre o histórico do 9º Batalhão de Engenharia de Combate, afim de mostrar seus feitos desde sua criação bem como o seu símbolo.

Posteriormente, analisaremos a preparação do 9º Batalhão de Engenharia de Combate quando já em solo italiano, no que diz respeito a parte técnica da arma de engenharia e a parte individual básica no Brasil.

Continuando o trabalho, será realizado uma pesquisa sobre as missões realizadas pelas companhias de engenharia do 9º BE Cmb orgânico da FEB durante os ataques sucessivos a Monte castelo.

Ao final, será analisado o ataque a Monte Castelo que finalmente logrou êxito, tendo como foco principal, o estudo especifico no apoio da arma de engenharia da FEB.

3 HISTÓRICO DO 9º BATALHÃO DE ENGENHARIA DE COMBATE

O 9º B E Cmb foi criado pelo Decreto nº 4.799, de 6 de outubro de 1942, e organizado no quartel do 1º Batalhão de Engenharia de Combate, na cidade do Rio de Janeiro. Seu primeiro comandante foi o capitão Francisco de Paula Gonzaga de Oliveira. A unidade está sediada na cidade de Aquidauana – MS (Henrique Moura, 2011).

> Esta honrosa unidade militar foi à única, da Arma de Engenharia, a compor a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária da FEB, e a participar da Campanha da Itália durante a 2ª Guerra Mundial. Além disso, teve a honra de ser a primeira tropa brasileira a entrar em combate naquele conflito, no dia 04 de setembro de 1944, como está imortalizado nas paredes deste aquartelamento. Realizou importantes trabalhos de engenharia, podendo-se citar a reparação e recuperação de 870 Km de estradas, a construção de 18 pontes de painéis metálicos tipo Bailey e 90 bueiros, a reparação de 34 pontes, a remoção de 5.000 e o lançamento de 12.000 minas terrestres, 16 destruições preparadas, 1 executada e o apoio a duas operações de transposição de curso d'água. Assim, cooperou eficazmente para as conquistas de Monte Castelo, Castelnuovo e Montese, além de outras expressivas vitórias alcançadas pela 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária, como foi citado pelo ilustre Marechal Mascarenhas de Moraes: "E no seu trabalho diuturno, silencioso e produtivo, sem o menor temor às reações do adversário - por isso que sabe ser indispensável no desempenho das missões das outras Armas – tem uma grande e única preocupação: fazê-lo rápido e perfeito." A participação heróica do 9º Batalhão de Engenharia na 2ª Guerra Mundial está retratada por sua bandeira triplamente coroada, inclusive com a Comenda da Cruz de Combate de 1ª Classe (Aquidauana News).

A Bandeira Nacional da unidade recebeu a Cruz de Combate de 1ª classe com a Ordem do Mérito Militar. É denominado "Carlos Camisão" em homenagem a esse chefe militar que esteve à frente das forças brasileiras na Retirada da Laguna, durante a Campanha da Tríplice Aliança (Henrique Moura, 2011).

Fig 1. Designação histórica "Batalhão Carlos Camisão"

Fonte: http://www.9becmb.eb.mil.br/index.php/historico

O estandarte do 9º B E Cmb foi criado pelo Decreto nº 39.766, de 13 de agosto de 1956, e recebido na unidade em 19 de dezembro daquele ano. O Estandarte Histórico retrata, em suas cores e símbolos heráldicos, a participação heroica da única unidade de Engenharia do Exército Brasileiro que lutou na 2ª Grande Guerra (Henrique Moura, 2011).

4 PARTICIPAÇÃO DO BRASIL NA 2º GUERRA MUNDIAL

Desde o dia 2 de julho de 1944, quando o primeiro escalão da FEB se deslocou em direção à Itália, os expedicionários brasileiros combateram ao longo de sete meses. Tendo iniciado sua campanha em 16 de setembro de 1944, quando o 6º Regimento de infantaria iniciou sua marcha na frente do rio Serchio, em uma ação que resultou na conquista de Camaiore (PORTAL DA FEB).

A FEB lutou em duas frentes, a primeira, no rio Serchio no outono de 1944, e a segunda e mais difícil a do rio Reno ao norte de Pistoia. Neste TO, partindo do Quartel General de Porreta-Terme, a FEB conquistou Monte Castelo e Montese (PORTAL DA FEB).

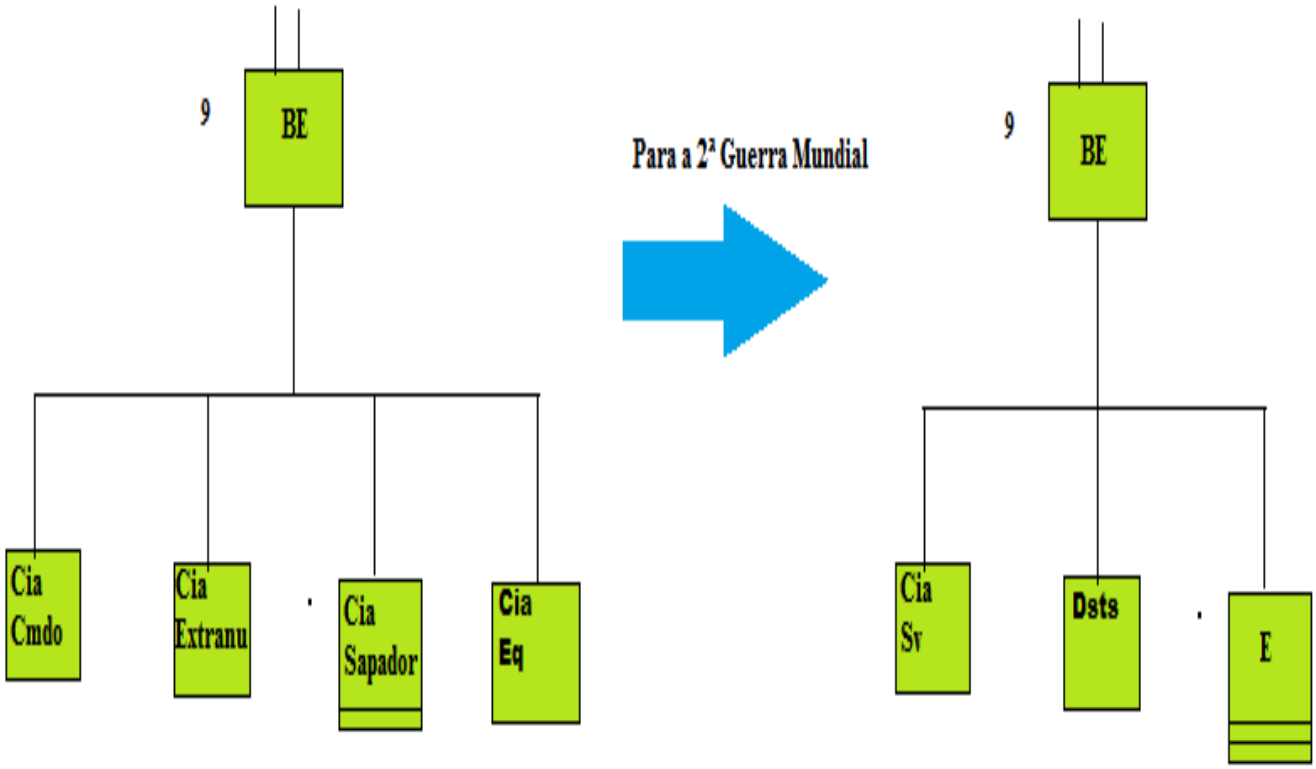
Quanto a composição, temos que a Força Expedicionária Brasileira foi bem diversificada para a Itália. As unidades integrantes da 1º Divisão Expedicionária foram:

- 1º Regimento de Infantaria (Sampaio) RJ. (152 baixas)
- 6º Regimento de Infantaria, Caçapava – SP. (109 baixas)
- 11º Regimento de Infantaria, São João Del Rei – MG. (134 baixas)
- 4 Grupos de artilharia.
- 9º Batalhão de engenharia, Aquidauana – MT.
- 1 Esquadrão de reconhecimento (cavalaria).
- 1º Batalhão de Saúde, organizado em Valença.
- Tropas especiais, corpos auxiliares e 67 enfermeiras

Cabe ressaltar que o 9º Batalhão de Engenharia de Combate ao integrar a 1º Divisão Expedicionária mudou totalmente sua constituição, pois de acordo com LIMA JUNIOR(1982), após integrar à FEB "Recebeu nova organização para o efetivo–tipo Força Expedicionária Brasileira – passando a constituir-se de Comando e Estado-Maior, 01(uma) Cia de Comando e Serviços, 03(três) Cias de Engenharia e 01(uma) Destacamento de Saúde" anteriormente a unidade era constituída de comando, 01(uma) Cia Extranumerária[2], 02(duas) Cias de Sapadores e 01(uma) Cia de Equipagem de Pontes.

[2] É aquele que não pertence ao quadro efetivo dos empregados ou funcionários

Fig 2. Constituição do 9º Batalhão de Engenharia



Em Suma, a campanha brasileira na Itália concluiu-se a 2 de maio de 1945, quando foi declarado o cessar fogo no *front* italiano. De um total de 25.445 soldados enviados à guerra, o Brasil contabilizou 443 baixas e cerca de 3.000 feridos (PORTAL DA FEB).

5 PREPARAÇÃO DO 9º BATALHÃO DE ENGENHARIA DE COMBATE

Antes mesmo de adentrar ao solo italiano, os brasileiros por ordem do comandante da FEB realizaram uma revisão das instruções individual básica, como progressão, manejo do armamento, regras de sobrevivência e tiro. Isto devido à carência de reservas preparadas adequadamente e prontas para mobilização e emprego (DE FARIA, 2005).

Findadas as instruções individual básica no Brasil, em 12 de outubro de 1944, a tropa brasileira deslocou-se para a Itália a fim de iniciar os treinamentos para os confrontos que viriam a ocorrer, já com ênfase no emprego peculiar da arma de engenharia (LIMA JUNIOR, 1982).

> Passados que foram os primeiros dias de repouso necessário e de engorda, começou o período de treinamento militar, que foi dividido em 2 fases. Teve início no dia 23, abrangendo educação física, armamento, minas e armadilhas, transmissões e manutenção de viaturas; era ministrado por oficiais brasileiros, auxiliados por pessoal da Engenharia americana, na instrução técnica da arma. Simultaneamente, foi enviada uma turma de 7 oficiais e 18 praças para o curso de Ponte Bailey, em Dugenta, onde se situava a Engineer School, perto de Nápoles, à qual fui incorporado. O curso rápido de Minas e Armadilhas foi feito ao vivo, em campos inimigos (LIMA JUNIOR, 1982, p.49).

Houve também o adestramento de abertura de campo de minas reais, pois segundo LIMA JUNIOR (1982) os alemães haviam lançados diversas minas AP[3] e AC[4] por toda a Marina de Pisa, assim como as estradas que conduziam ao objetivo. Com isso ocorreu o adestramento por parte dos oficiais e praças do 9º Batalhão de Engenharia de Combate.

> "...em extenuante treinamento, pois os campos eram reais e, onde qualquer descuido ou erro, correspondia à morte ou à mutilação do instruindo. Tratava-se de minas de madeira, que não eram localizadas pelo detector eletromagnético, de modo que a procura era feita com o uso de bastões ou baionetas e o levantamento manual. Cada instruindo entrava em campo, descobria e retirava um certo número de minas e passava a tarefa a outro companheiro, que ficava a distância de segurança (LIMA JUNIOR, 1982, p.50).

Apesar dos militares não estarem sob presença inimiga, a tropa que realizava o adestramento estava sob trabalho de tensão de prova real, tendo em vista que estes militares nunca foram impostos a isso antes. Contudo, no final do adestramento na Engenharia não ocorreram acidentes (LIMA JUNIOR, 1982).

---

[3] Uma mina terrestre, desenhada com a função de matar ou ferir várias pessoas que estiverem próximas a estes artefatos após a sua explosão.

[4] Uma mina de menos carga sensível e explosiva maior que o normal ter que destruir veículos blindados, como um tanque de guerra

Fig 3. Frente de Monte Castelo – Mineiros fazem exercício de abertura de campo minado.

Fonte: http://www.mauxhomepage.net/geraldomota/feb060.htm

Para finalizar a primeira fase do treinamento houve o adestramento da ponte Bailey, que vinha sendo empregada com grande êxito pelas forças aliadas para se ter um maior proveito da mobilidade de tropas blindadas e mecanizadas. O curso foi de curto tempo, prazo suficiente para o estudo de todos os tipos de ponte Bailey usados, com treinamento de dia e à noite (LIMA JUNIOR, 1982).

Feita as provas finais do adestramento, tanto o de ponte como o de desminagem, os integrantes do batalhão de engenharia receberam o certificado e regressaram para o acampamento de San Rossore (LIMA JUNIOR, 1982).

A partir de então os integrantes da arma de engenharia que compunham a FEB entraram na fase de treinamento de emprego tático da tropa. Entretanto, devido as diversas adversidades ocorridas como uma situação de emergência, a tropa da FEB teve que realizar uma retirada de sua atual zona de ação e emprega-la na área do ativo *front*, consequentemente não conseguiram findar este treinamento por completo (LIMA JUNIOR, 1982).

Logo, verificou-se que as instruções militares que a tropa de engenharia da FEB recebeu antes de entrar em contato com o inimigo, foram de grande importância, tendo em vista que a tropa brasileira nunca foi empregada em uma guerra anteriormente.

6 9º BATALHÃO DE ENGENHARIA DE COMBATE NOS ATAQUES SUCESSIVOS À MONTE CASTELO

- **Ataque do dia 24 de novembro**

A primeira vez que foi realizada o apoio ao ataque ao solo italiano, Monte Castelo, foi no dia 24 de novembro. Efetuada pela Task force 45 ao comando do General Paul Rutledge, reforçado por tropa brasileira, que se compunha do 3º Batalhão do 6º Regimento de Infantaria e do Esquadrão de Reconhecimento (LIMA JUNIOR, 1982).

Para a preparação para o ataque, a engenharia teve a missão principal de manter a passagem aberta, este trabalho consistia em quebrar pedra a marretadas, fechar buracos e crateras, melhorar as passagens. Entretanto, durante a execução deste trabalho o batalhão sofria ataques de tiros de morteiro de tropa inimiga, que consequentemente fazia com que o rendimento do trabalho fosse além do esperado (LIMA JUNIOR, 1982).

Além do melhoramento de estradas, foi feito também o emprego da desminagem por parte de um pelotão brasileiro às vésperas do primeiro ataque à Monte Castelo.

> Na véspera do ataque, à noite, o Ten viveiros, com alguns mineiros, limparam de minas a estrada Bombiana-Abetaia, esta última visitada por patrulhas dos dois lados. A limpeza iniciou-se na linha de partida do ataque até as proximidades de Abetaia, com o maior cuidado, para não atrair a atenção inimiga. Os elementos de segurança, que cobriam à frente o trabalho dos mineiros, se detiveram ao ouvir o ruído de motor de carro de combate, que era percebido de vez em quando dentro daquela localidade (LIMA JUNIOR, 1982, p.69-70).

Na manhã do ataque a tropa de engenharia brasileira seguiu para Bombiana, onde ficava o posto de comando do 3º Batalhão, onde já se encontrava o Tenente Viveiros. A posição onde eles se encontravam estava sendo submetida a intenso bombardeio inimigo. Entretanto houve diversos situações que condicionaram a progressão da tropa aliada durante a progressão aliada, um tanque aliado foi danificado de modo que ficasse obstruindo a passagem dos demais carros, consequentemente isto fez com que o ataque a Monte Castelo fosse suspenso (LIMA JUNIOR, 1982).

> Na noite seguinte, o Ten Viveiros, com uma turma de mineiros, voltou ao local e tirou outras minas das proximidades, constatando que se tratava de minas americanas, colocadas por tropas que tinham ocupado a posição e que, ao serem substituídas, não deixaram registro, como lhes cabia fazer. As instruções determinavam que quem lançasse minas e não as retirasse, tinha a obrigação de apresentar relatório circunstanciado, com a sua exata posição, tipo, quantidade, data e dados topográficos perfeitamente amarrados aos pontos mais notáveis do terreno. Esta inexplicável inobservância das instruções causou-nos enormes prejuízos. Toda a área foi considerada suspeita e objeto de uma verificação completa. Foram retiradas minas americanas até dentro da localidade de Bombiana, onde o solo, duro e pedregoso,

> dificultava não só o encontro das minas, como seu funcionamento, razão pela qual muitas não haviam detonado à passagem dos tanques (LIMA JUNIOR, 1982, p.72).

- **Ataque do dia 25 de novembro**

Devido aos feitos da tropa brasileira no dia anterior ao ataque, a Task Force no dia 25, dia seguinte, renovou o ataque, empregando, novamente, o Batalhão brasileiro como reforço, na mesma posição e direção de ataque. Além dos trabalhos normais de reparação e conservação da estrada Silla – Bombiana, que constituía o eixo de ataque, esta estrada foi melhorada para ser utilizada por caminhões de 2,5 toneladas e, também, preparados trechos para permitir o cruzamento de viaturas, com isso fora perceptível que o caminho inicial foi, progressivamente, dando acesso aos carros de combate e a caminhões (LIMA JUNIOR, 1982).

E prosseguindo nos trabalhos contínuos, a engenharia brasileira ainda tinha trabalhos pendentes como a preparação de um Posto de Observação. Com isso a tropa brasileira procurou nas encostas de Monte Castelo uma construção que desse segurança razoável a seus ocupantes (LIMA JUNIOR, 1982).

O Ataque propriamente dito se deu às 8 horas da manhã, e a Engenharia assegurou o tráfego nas estradas, durante o ataque, para o deslocamento de carros de combate americanos, que pela natureza do terreno, não podiam progredir através campo e limitavam-se aos tiros diretos de seus canhões (LIMA JUNIOR, 1982).

Infelizmente o ataque foi um revés para a tropa brasileira como um todo, que sofreu muitas baixas em primeiro escalão, contudo conseguiu retrair em ordem para a base de partida, evitando maiores perdas (LIMA JUNIOR, 1982).

- **Ataque do dia 12 de dezembro**

Mesmo com os diversos insucessos dos ataques a força aliada era persistente e os preparativos para o novo ataque à Monte castelo iniciou a comando do Regimento Sampaio (LIMA JUNIOR, 1982).

Novamente a 2ª Cia de Engenharia recebeu a missão de apoiar o ataque à Monte Castelo, mesmo após diversas tentativas; primeiramente teve a missão de conservar e manter em trafego as entradas que conduziam à frente, principalmente a Silla – Bombiana, para os próximos ataques americanos; e depois disto ficou em condições de atender as necessidades do escalão de ataque para atuar como arma base no confronto direto com o inimigo (LIMA JUNIOR, 1982).

Com tudo pronto para a partida, os batalhões de infantaria prosseguiram para o ataque e a engenharia novamente precisou ser utilizada para a remoção de minas que foram realizados pela 5ª Seção de Engenharia. Além dessa missão, manteve-se os trabalhos de manutenção da rede mínima de estradas visando a maior trafegabilidade nas estradas (LIMA JUNIOR, 1982).

Infelizmente, o ataque como um todo foi ineficaz, verificou-se que os meios e efetivos empregados eram insuficientes para uma missão tão ampla, abrangendo à conquista de Monte Castelo (LIMA JUNIOR. 1982).

7 9º BATALHÃO DE ENGENHARIA DE COMBATE NO ATAQUE FINAL À MONTE CASTELO

Com os diversos ataques realizados à monte castelo, a tropa alemã já se encontrava enfraquecida. Com isso, observa-se que as possibilidades de alguma vitória deveriam ser procuradas e exploradas a todo custo (LIMA JUNIOR, 1982).

Agora, após diversas tentativas, a manobra para a conquista de Monte Castelo consistia em um vigoroso ataque a cargos das divisões, de modo que fosse constituído por dois batalhões em 1º Escalão: o 1º Batalhão do RI e 3º Batalhão do RI ficando de reserva o 2º Batalhão do RI (LIMA JUNIOR, 1982).

> A partida para o assalto a Monte Castelo foi às 5h 30min da madrugada, processando-se bem, principalmente para o batalhão da esquerda, em movimento flanqueante. Houve um momento que a 10.ª de Montanha, que progredia sobre torracia encontrando fortíssimas resistências refluiu sobre a frente do Batalhão brasileiro, estabelecendo-se alguma confusão, até que a situação foi prontamente conjurada, prosseguindo ambos sobre os seus respectivos objetivos, Aproveitando o êxito do 1.º Batalhão, o Regimento empregou o Batalhão-reserva em seu proveito, dando maior a impulsão ao ataque, de sorte que, às 17h 20min, os elementos mais avançados do bravo 1.º Batalhão coroavam o seu objetivo, capturando o então invicto Monte (LIMA JUNIOR, 1982 , p.113).

Diante desta vitória, tivemos a participação do 9º Batalhão de Engenharia, que pela primeira vez, foi empregado em sua totalidade, em conjunto com a Engenharia americana afim de atender aos múltiplos encargos de ordem tática e técnica (LIMA JUNIOR, 1982).

A missão do 9º Batalhão de Engenharia foi subdivida entre as 03(três) companhias: coube à 1º Cia atuar em proveito dos tanques americanos que participaram do combate, bem como, também realizar a construção de uma ponte Bailey. A 3ª Cia participou do ataque realizando construção de duas pontes Bailey no sopé de Monte castelo, em La grilla e Gambaiana, tendo feito a tarefa enquanto inimigo ainda resistia, de forma a permitir o lançamento de novos elementos à frente. A 2ª Cia acompanhou o ataque do 2º/11º RI, encarregado da ação diversionária no corredor de abetaia, pequena localidade que se defrontava com bombiana, que ficava localizada em base para todos os ataques sobre Castelo, além disso, a 2ª Cia manteve o tráfego na estrada Silla – Bombiana – Abetaia (LIMA JUNIOR, 1982).

Verificou-se que a atuação da engenharia foi de grande valia durante a conquista de Monte Castelo, sempre mantendo seus laços táticos e realizando seu apoio direto ou em reforço as tropas aliadas pois através de seu apoio a mobilidade, as tropas aliadas estavam conseguindo progredir no terreno e cumprir a missão de conquistar Monte Castelo.

8 CONCLUSÃO

Nossa pesquisa teve como principal objetivo destacar a contribuição feita pelo 9° Batalhão de Engenharia de Combate no decorrer da 2ª Guerra Mundial. Dessa forma, foram explanados os trabalhos realizados pelo 9º BE Cmb nos ataques à Monte Castelo.

Os resultados encontrados na pesquisa realizada nos informam que o 9° Batalhão de Engenharia de Combate realizou diversos apoios às tropas de infantaria, e teve grande contribuição na reparação de estradas, construção de pontes, PC, PO e desminagem que então permitiram uma maior mobilidade da tropa aliada para avançar em solo italiano.

Assim como foi possível perceber, que para se obter sucesso nos ataques, não só era necessário a utilização de poder de fogo, mas também foi de grande importância que as armas base na vanguarda possam receber o apoio à mobilidade proporcionado pela engenharia durante o deslocamento, como reparação de estradas, limpeza de campo de minas, construções de pontes e desobstrução de vias.

Diante desses dados podemos afirmar que o 9º BE Cmb com todos os seus serviços prestados, trouxe resultados muito favoráveis para o êxito na atuação da Força Expedicionária Brasileira. Isso fica mais claro, na atuação para a conquista de Monte Castelo, fato este, que só sustentou com base na teoria defendida acima, onde o apoio que o Batalhão de Engenharia forneceu aos batalhões de infantaria foram de grande importância para o cumprimento da missão.

Com isso a hipótese levantada anteriormente foi que o 9º BE Cmb contribuiu para a conquista de Monte Castelo através dos apoios estabelecidos aos batalhões, como a manutenção da rede mínima de estradas, limpeza de vias, construções de pontes de equipagens e outras diversas missões.

Diante de todas as informações e aspectos levantados durante a pesquisa, pudemos chegar a uma conclusão que reforça, parcialmente, a hipótese proposta, visto que, a atuação do 9º BE Cmb realmente contribuiu para o êxito da tomada de Monte Castelo. Logo conclui-se que para cumprir uma missão é necessário além do poder de fogo, mas também o apoio da arma de engenharia visando a mobilidade, a contra mobilidade e a proteção das tropas.

REFERÊNCIAS

Referências consultadas:

LIMA JUNIOR, Raul da Cruz. **Quebra-Canela; a engenharia brasileira da campanha da Itália** – 2. Ed. – Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1982.

Força Expedicionária Brasileira – **Wikipédia, a enciclopédia livre**. Disponível em:<https://pt.wikipedia.org/wiki/For%C3%A7a_Expedicion%C3%A1ria_Brasileira> Acesso em: 23 Set 2017

Henrique de Moura Paula Pinto – **O Resgate Força Expedicionária Brasileira: Batalhão de Engenharia de Combate F.E.B,** 2011. Disponível em:< http://henriquemppfeb.blogspot.com.br/2011/11/batalhao-de-engenharia-de-combate-feb.html > Acesso em: 26 Set 2017

NOVA ESCOLA. **Como foi a participação do brasil na segunda guerra mundial?**. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/319/como-foi-a-participacao-do-brasil-na-segunda-guerra-mundial>. Acesso em: 26 set. 2017.

PORTAL DA FEB**. FEB – do início ao fim uma história esquecida sobre brasileiros que lutaram na Itália.** Disponível em: <http://www.portalfeb.com.br/armamento/feb-do-início-ao-fim/>. Acesso em: 03 abr. 2018.

A engenharia. Disponível em <http://www.mauxhomepage.net/geraldomota/feb060.htm> Acesso em: 16 abr. 2018

AQUIDAUANA NEW. **Confira histórico do 9º batalhão de engenharia de combate**. Disponível em: <http://www.aquidauananews.com/0,0,00,3742-69849-confira historico do 9o batalhao de engenharia de combate.htm>. Acesso em: 18 abr. 2018.

DE FARIA, DURLAND PUPPIN**. Introdução à história militar brasileira**. 1 ed. RESENDE: ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS, 2015. 392 p.

FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA. **A engenharia.** Disponível em:< http://www.mauxhomepage.net/geraldomota/feb060.htm >. Acesso em: 28 abr. 2018.

FERRAZ, Francisco César Alves. **Os brasileiros e a segunda guerra mundial**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.